

Forte de São Paulo da Gamboa será restaurado

Projeto do Exército é transformar o monumento histórico em centro turístico

Gilson Jorge

Fotos de Marcio Costa

Ocupado há pelo menos seis décadas por famílias de pescadores, o Forte de São Paulo da Gamboa deve começar a ser restaurado no início do próximo ano. O projeto de restauração encampado pelo Exército está sendo orçado em pelo menos R\$2,5 milhões e prevê a transformação do forte em um centro turístico. Pelo projeto em estudo, os moradores devem ser relocados da área, o que causa temor à comunidade.

Segundo o gestor de Fortificações do Exército, coronel Anésio Leite, o projeto desenvolvido por um arquiteto ligado à UFBA prevê a remoção das famílias para o entorno do forte. A decisão, entretanto, deve ser tomada pela Companhia de Desenvolvimento da Região Metropolitana de Salvador (Conder), que possivelmente financiará o projeto.

Antes de ser enviado à Conder, o plano deve ser analisado por uma comissão formada por historiadores e arquitetos. De acordo com o projeto, o forte deve ter uma forma próxima do original no prazo de um ano depois do início da execução. Entre as possíveis ocupações do forte, estão um laboratório para pesquisa da fauna e flora marinha, a adaptação de parte da área para um restaurante de luxo ou mesmo um grande aquário. Leite disse também que deve ser erguida uma passarela do local até a Avenida Contorno. "Acredito que 95% dos moradores de Salvador desconhecem o forte", estima o coronel.

Depois de restaurado, o forte deve receber de volta o canhão que integrava o conjunto. Maior peça de artilharia do gênero em Salvador, o canhão encontra-se atualmente à entrada do Quartel da Mouraria. Antigamente, o forte fazia ligação com o Forte de São Pedro, onde funcionam instalações do Exército.

A questão que mais preocupa os moradores da Gamboa é a relocação das 12 famílias que há décadas ocupam o forte. Os líderes comunitários temem que as obras afastem do bairro pessoas que estiveram ali por toda a vida. Apesar das más condições de habitação, parte dos moradores e profissionais envolvidos com projetos so-



Pouco conhecido da população, o Forte de São Paulo é ocupado há 60 anos por famílias de pescadores

ciais na área acreditam ser possível manter as pessoas no forte depois da restauração.

"Não se pode analisar a questão de forma tão racional", defende a arquiteta Silvana Olivieri, que está se integrando ao movimento que pretende criar um projeto paralelo de ocupação do forte. Segundo ela, as pessoas têm ligações afetivas e espirituais com o lugar, pois pelo menos três famílias estão no forte há mais de 50 anos. Parte do trabalho da vice-presidente da associação de moradores da Gamboa, Ana Cristina Caminha, é convencer as pessoas a não aceitar um projeto que seja imposto à comunidade. "Essas pessoas sempre viveram aqui e não podem sair assim, de qualquer jeito", disse Ana Cristina.

Valdete:
'Aqui nada me aborrece'

Paraíso dos pescadores

Espécie de paraíso para as famílias de pescadores que tiram dali o seu sustento, o forte tem parte de sua história registrada nas lembranças de quem vive ali há décadas: as velhas senhoras que em casebres mal conservados criaram filhos, netos e bisnetos.

"Aqui nada me aborrece", costuma dizer dona Valdete Sapucaia, 72 anos, sempre que responde por que não quer sair do forte. Invariavelmente tranquila e sorridente, dona "Detinha", como é conhecida,

exibe com orgulho a estátua de Oxum sobre a mesa da casa. "Todos que vêm aqui querem olhar para ela", diz a dona de casa para quem a construção militar adquiriu contornos de fortaleza sagrada.

Acostumada ao crescente movimento no local, ela declara não se chatear com nada, nem com o barulho provocado por um recente show de rap com bandas da periferia, nem com eventuais usuários de maconha que descem até o forte. "Não me dizendo liberdades nem mexendo comigo, eu não me importo", disse dona Detinha, que só não quer sair daquele lugar onde vive há mais de 60 anos.

Apesar de se declarar bem-humorada e dizer, há 50 anos, "que está apenas tomando conta da casa enquanto o dono não chega", dona Rosilda Alves, 65 anos, cuida de um pequeno jardim improvisado no quintal com um zelo de mãe. Todos os dias ela rega as plantas que enfeitam o exterior da pequena casa no alto do forte. Quando perguntada se quer sair dali, ela responde que tanto faz, que a casa não é dela. "Ana se retá", diz sorrindo, em referência ao esforço que a líder comunitária faz para que as famílias defendam sua permanência no forte.

